

Abreu já costura novo choque econômico

Murilo Murça

A dupla Maílson-Abreu já não anda tão afinada. Enquanto o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, ainda insiste no receituário ortodoxo tradicional, seu colega do Planejamento, João Batista de Abreu, cultiva soluções mais audaciosas, fora dos compêndios clássicos, cujas receitas não se ajustam à economia atípica do Brasil.

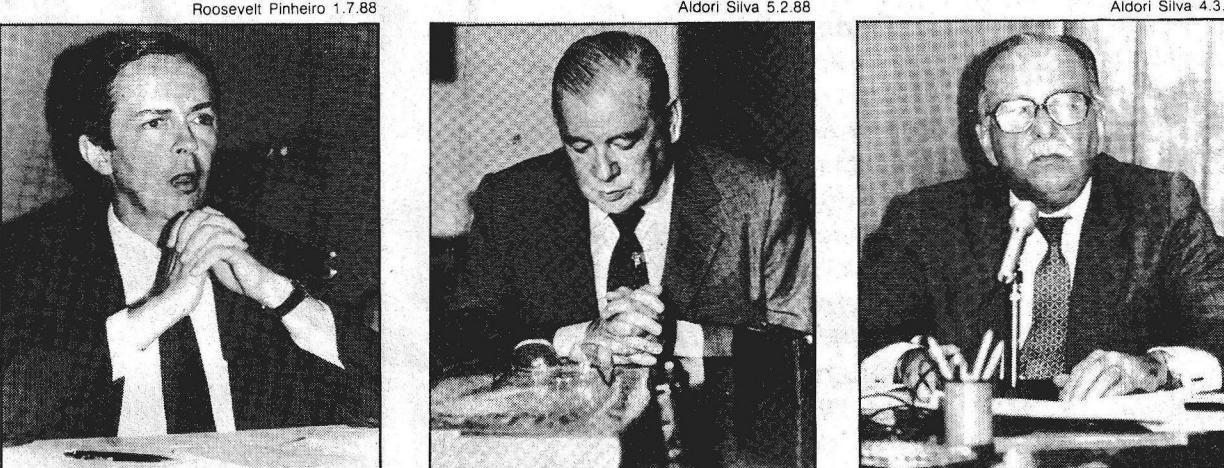
Para o público externo não há manifestações do paraibano disciplinado e do mineiro discreto. Mas suas divergências se acentuam e emergem através das discussões entre as equipes técnicas que seguem uma ou outra orientação. Nestas discussões, a nível técnico, estão crescendo as adesões à linha de João Batista de Abreu, já descrente em que a redução do déficit público seja realmente vencida, tantas são as barreiras políticas, ou que qualquer choque fiscal possa ser adotado, pelas mesmas razões, de modo a reforçar o caixa do Tesouro.

Cada dia mais e mais ganham simpatia junto aos técnicos mais destacados do staff econômico do Governo algumas teorias mais "revolucionárias", como as do econo-

mista Chico Lopes, de promover a desindexação da economia nacional como única solução para fazer cair os índices de inflação. A indexação, se por um lado permite a convivência com taxas inflacionárias absolutamente inimagináveis em outras economias, tem contra si o fato de que não permite a redução desses índices, além de promover a transferência de renda regional, por setor de atividade e grupos econômicos, acentuando desequilíbrios.

Sinais

O distanciamento entre os ministros da Fazenda e do Planejamento vai se acentuando na medida em que nos laboratórios teóricos da economia há grande dificuldade em se desenvolver as fórmulas necessárias à promoção dessa desindexação. Mas no campo político já começaram a aparecer sinais desse descompasso, já detectado no Palácio do Planalto, justamente pelo Serviço Nacional de Informações (SNI), cujo chefe, ministro Ivan de Souza Mendes, mostrou seu desagrado ao comportamento do chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, que vinha reforçando as teses do conterrâneo Abreu. O caso



Abreu: soluções audaciosoas

Sodré: Sarney comprometido

Aldori Silva 4.3.87
Aldori Silva 5.2.88
Aldori Silva: retrato negativo

foi tratado sob a ótica militar, a disciplina às ordens superiores, independentemente de concordância ou não com elas. Fazer o contrário, no entanto, vai se tornando moda entre outros ministros.

Com longos anos de militância política, o ministro das Relações Exteriores, Roberto de Abreu Sodré, deu o seu recado analisando especificamente a situação do amigo José Sarney. Para o chanceler, a

reedição da inflação de julho, batendo novamente nos 24%, com tendência a manter esse patamar até o final do ano, vai comprometer o presidente da República. É conhecida a vinculação existente entre índices de inflação e índices de rejeição a um Governo, mas Abreu Sodré vai mais longe, afirmando que as ações do Presidente estão excessivamente concentradas nos dois ministros, Maílson e Abreu, o

que significa a derrubada de um deles, ou de ambos, se nenhuma solução for encontrada.

Perdido

O também mineiro e futuro ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira, também se manifestou com a credencial que lhe dá o relativo acesso ao presidente Sarney, desabonando a imagem do ministro Maílson da Nóbrega. O retrato feito por José Aparecido do minis-

tro da Fazenda é desmerecedor, apontando Maílson da Nóbrega como perdido e sem explicações para o recrudescimento da inflação, sem ter o diagnóstico ou o remédio, "induzindo" o Presidente a uma visão incorreta da situação existente.

Sem ocupar nenhum cargo público relevante, o ex-ministro da Fazenda e do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, não precisou se conter ao anunciar aos seus clientes de uma rendosa consultoria, que o ministro Maílson da Nóbrega não passa do fim do mês ou, no máximo, de outubro. Ainda que feita reservadamente, a previsão do bem informado Simonsen chegou ao conhecimento público, pelo Jornal de Brasília.

São sinais indicativos de que aumentou o fogo da fritura sob a cabeça de Maílson da Nóbrega, cuja preservação se deveria essencialmente à necessidade de conclusão dos acordos sobre a dívida externa, marcada para o próximo fim de semana, nos Estados Unidos. Mas há quem duvide disso, lembrando que o ministro da Fazenda deve presidir a reunião do Conselho Monetário Nacional (CMN), na quarta-feira, um dia antes do presidente da República reunir o Conselho de Segurança Nacional.